

Mulheres podem ter direito a escolher o alistamento militar

Senado analisa projeto que permite à jovem que completar 18 anos optar pelo serviço militar, obrigatório para homens. Hoje mulheres só entram nas Forças Armadas por concurso e não podem ser combatentes

Aline Guedes

O ALISTAMENTO MILITAR, que hoje é obrigatório para homens que completam 18 anos, poderá se tornar facultativo para as mulheres. Ou seja, a participação feminina no Exército, na Marinha ou na Aeronáutica só deve acontecer se for espontânea no ano em que completarem 18 anos. É o que prevê projeto da senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), em análise final na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE).

Se aprovada na CRE, a proposta (PLS 213/2015), que altera a Lei do Serviço Militar (Lei 4.375/1964), deve seguir para votação na Câmara dos Deputados. Para Vanessa, trata-se de uma proposta de ação afirmativa, proporcionando às mulheres a oportunidade de seguir a carreira militar.

Embora as Forças Armadas já incorporem mulheres em suas fileiras, a senadora lembra que há restrição para o serviço de combatente. Hoje as mulheres podem entrar nas Forças como militares apenas por meio de concurso público para oficial, sargento ou profissional de diferentes áreas (como médica, engenheira, bibliotecária, advo-

gada ou assessora de imprensa, por exemplo).

Vanessa justifica que sua iniciativa observa a Constituição, uma vez que o artigo 5º do texto iguala homens e mulheres em direitos e obrigações.

— É importante entender que nossa sociedade não é apenas composta por homens e mulheres, mas é construída por ambos. Assim, está muito atrasado o procedimento das Forças Armadas de impedir o exercício do serviço militar pelas mulheres — disse.

A proposta tem parecer favorável da relatora, Lídice da Mata (PSB-BA), que incluiu uma emenda sobre o impacto orçamentário da medida. A emenda determina que as despesas serão custeadas com recursos específicos. Além disso, a senadora acolheu manifestação do Ministério da Defesa, que informou sobre a necessidade de adaptações dos órgãos de recrutamento para a admissão das mulheres, como a construção de alojamentos e vestiários apropriados e design de vestimenta específica.

Também pela adequação orçamentária, a relatora sugeriu que haja um prazo de dois anos (730 dias) a partir de uma futura sanção da lei para que as



A Escola Preparatória de Cadetes do Exército é hoje a única porta de entrada da linha bélica das Forças Armadas aberta também às mulheres. O Exército só passou a admitir mulheres como militares de carreira em 1992

mulheres possam, efetivamente, alistar-se.

O diretor do Centro de Comunicação Social do Exército em Brasília, coronel Alcides, lembra que as mulheres também têm ingressado no Exército brasileiro como militares temporárias, tanto como oficiais e sargentos, em diferentes áreas profissionais, exceto como combatente.



Vanessa Grazziotin, autora do projeto, e Lídice da Mata, relatora na Comissão de Relações Exteriores, que analisa a proposta

Rotina

O jovem incorporado em umas das mais de 500 organizações militares do Exército brasileiro tem atividade diária intensa. De modo geral, o recrutado participa de sessões diárias de educação física e instrução militar e, depois, segue para a formação de combatente básico.

Em seguida, ele passa por um período de qualificação, quando recebe instrução específica das armas de infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia e comunicações, quadro de material bélico, serviço de intendência e serviço de saúde, de acordo com a organização militar onde foi incorporado.

Finalmente, vem o período de adestramento, quando o jovem aprende como atuar dentro de sua arma, quadro ou serviço. Durante o ano, são realizados exercícios de campo, nas diferentes fases da instrução, para a aplicação do conhecimento adquirido em sala de aula.

O coronel Alcides explica que o serviço militar inicial tem duração de 12 meses, podendo ser acrescido de dois até seis meses, dependendo do interesse das partes. Em caso de interesse nacional, como guerras, por exemplo, o tempo de serviço militar poderá ir além dos 18

meses já previstos, dependendo de autorização do presidente da República.

Seleção

Participar do serviço militar é um sonho para muitas jovens brasileiras. Essas meninas precisam se destacar para conseguir uma vaga na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), única porta de entrada da linha bélica.

No Exército, as mulheres são admitidas como militares de carreira desde 1992, quando a então Escola de Administração do Exército, atual Escola de Formação Complementar do Exército, com sede em Salvador, matriculou a primeira turma de 49 mulheres em áreas como magistério, administração e jornalismo.

Em 1997, o Instituto Militar de Engenharia, com sede no Rio de Janeiro, matriculou a primeira turma de dez alunas no Quadro de Engenheiros Militares. Em 2001, a Escola de Saúde do Exército, também do Rio de

Janeiro, permitiu a inscrição de mulheres para participar de concurso público, realizado naquele ano. A partir de 2017, mulheres ingressaram na EsPCEEx sediada em Campinas (SP), para seguirem carreira de oficiais combatentes e, na Escola de Sargentos de Logística, para se formarem sargentos combatentes, na área técnico-logística.

Para o consultor do Senado Joaíval Gonçalves, embora seja um avanço haver mulheres atuando em áreas historicamente masculinas, como pilotos de caças aéreos, a participação feminina como combatente ainda é um processo que passa por mudanças no Brasil. Segundo ele, o fato de as Forças Armadas evitarem colocar mulheres na linha de frente de combate não deve ser encarado como machismo. Gonçalves afirma que esta postura é justificável porque a psicologia do soldado muda, quando há presença de mulheres em áreas de conflito.

— A própria natureza feminina desperta no homem o instinto

Combate

Segundo o Ministério da Defesa, o Exército brasileiro tem mais de 222 mil pessoas em seu contingente. As mulheres, que atualmente ocupam cargos administrativos e de saúde, correspondem a 4,32%. São apenas 9,6 mil soldados do sexo feminino.

De acordo com levantamento socioeconômico da EsPCEEx, estabilidade de renda não é a principal razão para o ingresso na instituição, uma vez que a remuneração de soldado é de cerca de R\$ 956 e a de aspirante a oficial, pouco mais de R\$ 6,2 mil. O estudo constatou que a maior parte dos ingressados na EsPCEEx — 88% — afirmaram estar satisfeitos com a farda por simples vocação.

Admiradora do Exército e da farda, a policial militar Keliane Soares, de 27 anos, sempre se interessou pelo serviço de combatente, como forma de desafiar

limites e superar desafios. Mesmo ciente da baixa remuneração e do treinamento pesado, que inclui desde rastejar na lama a usar a mata como banheiro, dormir pouco e ter horários apertados, ela teria se alistado, caso fosse permitido à época em que ela completou 18 anos. Como não era, ela optou pela carreira na segurança pública.

Para Keliane, o ambiente considerado machista dos quartéis não deve ser temido. Mesmo com características e capacidade física diferentes do homem, ela acredita que a mulher consegue desempenhar qualquer papel com destreza, caso queira.

— Não importa se ela almeja a diretoria de uma empresa ou o comando das Forças Armadas. A mulher cabe em todos os lugares, então vale a pena lutar, se esse for o seu sonho — declarou.

Carreira

Oriunda do Colégio Militar de Curitiba e ex-oficial do Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro, a jornalista Sabrina Mancio, de 34 anos, quis seguir a carreira desde a adolescência e ainda lembra da emoção ao vestir a farda pela primeira vez, aos 21 anos.

Embora a profissão exija sacrifícios como mudanças constantes de cidade e horários indefinidos, Sabrina aconselha outras meninas a irem em busca dos seus sonhos. — É admirável a postura de uma mulher fardada. Uma carreira que nos enche de orgulho e nos ensina muito sobre o respeito à hierarquia e a valores como a lealdade e o companheirismo, além do culto aos símbolos nacionais — declarou.

Como ingressar nas Forças Armadas

Atualmente o acesso de mulheres ao sistema do serviço militar é feito pelas regiões militares sediadas no território nacional, onde a mulher concorre à seleção nas mesmas condições dos homens. As funções de sargentos auxiliares e técnicas de enfermagem são cargos temporários privativos das mulheres

 <p>EXÉRCITO</p> <p>Para ser militar de carreira no Exército, a mulher precisa ingressar, após aprovação em concurso público, em um dos seguintes estabelecimentos de ensino.</p> <p>Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEx), que forma militares do Quadro Complementar de Oficiais nas especialidades de administração, ciências contábeis, direito, magistério, informática, economia, psicologia, estatística, pedagogia, veterinária, enfermagem, comunicação social, odontologia e farmácia. A perspectiva na carreira é de primeiro-tenente a coronel.</p> <p>Escola de Saúde do Exército (EsSEEx), responsável pela seleção e formação de oficiais do Quadro de Médicos do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. A perspectiva na carreira é de primeiro-tenente a general de divisão.</p> <p>Instituto Militar de Engenharia (IME), que forma militares para o quadro de engenheiros militares nas especialidades de cartografia, comunicações, fortificação e construção, eletricidade, eletrônica, mecânica (armamento e automóvel), metalurgia, química e computação. A perspectiva na carreira é de primeiro-tenente a general de divisão.</p> <p>Escola de Sargentos de Logística (EsSLog), responsável pela formação dos sargentos de saúde. A perspectiva na carreira é de terceiro-sargento a capitão. A mulher que deseja ingressar no Exército como oficial ou sargento temporário deverá participar da seleção feita pelas regiões militares. O militar temporário não faz carreira no Exército e sua permanência máxima no serviço ativo é de oito anos.</p> <p>Veja mais detalhes em: http://bit.ly/ingressoEB</p>	 <p>MARINHA</p> <p>Para ingressar na Marinha do Brasil, é necessário participar de processos seletivos com variadas formações: ensino médio, curso técnico em uma das áreas de interesse ou curso superior na área a que deseja concorrer. O site da Diretoria de Ensino da Marinha disponibiliza os concursos oferecidos, de acordo com a escolaridade de cada candidata.</p> <p>A participação das mulheres na Marinha do Brasil começou em 1980, quando a legislação permitiu o ingresso feminino na Força. À época, elas integravam um corpo auxiliar e sua participação era restrita a alguns cargos e ao serviço em terra. Entre 1995 e 1996, o acesso das oficiais mulheres foi estendido aos corpos de saúde e engenharia.</p> <p>Já em 1997, com a Lei 9.519, houve a reestruturação dos quadros de oficiais e praças com uma significativa ampliação da participação das mulheres nas atividades da Força Naval. As oficiais que integram as áreas de intendência, engenharia e saúde podem, segundo a legislação, alcançar até o posto de vice-almirante.</p> <p>Atualmente, elas estão nas áreas de medicina, enfermagem, apoio à saúde, engenharia, arquitetura, construção civil, pedagogia, contabilidade, administração, direito, história, comunicação social, museologia, biblioteconomia, informática, economia, serviço social e psicologia. Algumas, decorrentes de seus méritos, chegam a ocupar cargos de direção.</p> <p>Veja mais detalhes em: http://bit.ly/ingressoMB</p>	 <p>AERONÁUTICA</p> <p>Na Força Aérea Brasileira, as mulheres podem participar de quase todos os concursos e desempenhar diversas funções, com exceção do alistamento militar obrigatório. São eles: curso de formação de cadetes do Ar; curso de formação de oficiais de infantaria; e, no curso de formação de sargentos, as áreas de material bélico, guarda e segurança e mecânica de aeronaves.</p> <p>As cerca de 10 mil militares da Aeronáutica ocupam postos de terceiro-sargento até tenente-coronel, podendo chegar ao maior posto da instituição, de tenente-brigadeiro do ar. As militares exercem atividades administrativas, de saúde, de apoio e operacionais, com destaque para as 36 aviadoras que pilotam aeronaves da FAB, inclusive de caça. Todas passam por um treinamento intenso que pode durar de 13 semanas, no caso das oficiais temporárias, até 4 anos, no caso das formadas pela Academia da Força Aérea (AFA).</p> <p>As mulheres, ao lado dos homens, recebem instruções militares que incluem uso de armamento e preparação física, além da formação específica para as áreas onde atuam, o que inclui unidades de combate.</p> <p>Veja mais detalhes em: http://bit.ly/ingressoFAB</p>
---	---	---

Jovens têm interesse pela carreira militar



"Sempre tive amor pelas Forças Armadas. Ao completar 18 anos, tentei me alistar, mas fui impedida por não ter um curso técnico oferecido somente no Rio de Janeiro."

—Ariá Uilla de Oliveira, produtora de telemarketing

"Eu me alistaria, até por considerar esta uma bandeira das mulheres. Vejo muitos homens fugindo do serviço militar, enquanto as meninas que desejam não podem."

—Rebeca de Paiva, vendedora



Saiba mais

Projeto sobre alistamento de mulheres (PLS 213/2015)
<http://bit.ly/PLS213de2015>

Lei do Serviço Militar (Lei 4.375/1964)
<http://bit.ly/LeiServicoMilitar>

Opine sobre o projeto e-Cidadania
<http://bit.ly/consultaPLS213>

Veja todas as edições do Especial Cidadania em www.senado.leg.br/especialcidadania



Maria Quitéria Medeiros foi primeira combatente do Exército, em 1823



Jovita Feitosa se juntou a grupo de voluntários para Guerra do Paraguai

André Ottoni/Unic/CC

Revisão: Nasser História

Fotos: reprodução